

POLÍTICAS EDUCACIONAIS E O MÉTODO ONTOLÓGICO MARXISTA: APROXIMAÇÕES E PERSPECTIVAS

Laura Helena de Arruda Silva
UFMS
Email: laura.silva@ufms.br

Carina Elisabeth Maciel
UFMS
Email: carina.maciel@ufms.br

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo apresentar análises sobre o método ontológico marxista, cujo referencial embasa a apreensão da realidade. O trabalho será desenvolvido com ênfase na pesquisa bibliográfica referente ao método ontológico. As técnicas a serem utilizadas para a coleta de dados consistem em revisão de literatura sobre o tema em questão, na ótica de diferentes autores.

O método ontológico, por meio da centralidade do objeto, possibilita a compreensão das transformações na educação quanto aos aspectos sociais, educacionais, políticos e econômicos, pois, conforme Marx (2013, p. 128): “A investigação tem de se apropriar da matéria em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexo interno”. Ou seja, o pesquisador deve se aproximar do objeto, investigá-lo não somente na aparência, mas também na essência, sabendo distingui-los.

A teoria de Marx tem um limite histórico, pois ele não conheceu o fenômeno do capitalismo monopolista. Para as tradições marxistas, não existe verdade eterna e imutável, a essência muda historicamente. Diante disso, é necessário recorrermos aos estudos de outros teóricos contemporâneos, no mesmo onto-método, para compreendermos a realidade social contemporânea, como por exemplo, as obras de Georg Lukács (2012), István Mészáros (2002) e José Paulo Netto (2011).

DESENVOLVIMENTO

Os métodos de produção de conhecimento são dinâmicos e em constante evolução. Foram aprimorados, ao longo da história, onde novos métodos foram criados para atender às necessidades da sociedade de cada época. Estas podem moldar o direcionamento da pesquisa científica. Andery *et al* (1996, p. 16) explicam:

O método não é único e nem permanece exatamente o mesmo, porque reflete as condições históricas concretas (as necessidades, a organização social para satisfazê-las, o nível de desenvolvimento técnico, as idéias, conhecimentos já produzidos, do momento histórico em que o conhecimento foi elaborado).

Conforme Schaff (1995), é mais difícil escrever a história recente, por causa da dificuldade de entender o sentido dos acontecimentos contemporâneos, pois estes ainda não revelaram os seus efeitos. Ele afirma:

Enquanto um processo está em curso, os efeitos dos acontecimentos aparecem continuamente, sem fim: ora a história é precisamente um processo desse tipo. Os efeitos recentemente emersos obrigam a deitar sobre os acontecimentos um olhar novo, a percebê-los de outra maneira, a situá-los diferentemente do contexto da totalidade. (SCHAFF, 1995, p. 274)

A totalidade é necessária para o processo de elaboração do conhecimento. Não há como elaborar uma pesquisa referente ao sistema capitalista sem um profundo conhecimento da classe trabalhadora, da classe capitalista e dos meios de produção, que se interligam.

É preciso entender a base material, social, histórica e política, para compreender a estrutura econômica de determinada sociedade. De acordo com Marx (2008, p. 47):

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência.

Lukács busca, por meio da categoria da totalidade, propor a superação da

fragmentação, nos âmbitos social e do conhecimento:

Com a especialização do trabalho, perdeu-se toda imagem da totalidade. E como a necessidade de apreender a totalidade – ao menos cognitivamente – não pode desaparecer, tem-se a impressão (e formula-se essa reprovação), de que a ciência, que trabalha igualmente dessa maneira, isso é, que permanece igualmente nesse imediatismo, teria despedaçado a totalidade da realidade, teria perdido o sentido da totalidade por força da especialização. (LUKÁCS, 2012, p. 228-229).

Para Netto (2011, p. 57), “sem as contradições, as totalidades seriam totalidades inertes, mortas - e o que a análise registra é precisamente a sua contínua transformação.” A contradição é um dos conceitos da teoria marxiana que está presente na nossa realidade. A educação está plena de desigualdades e contradições, por exemplo, teoricamente a escola pública é um direito de todos, porém, uma série de obstáculos são colocados, como a inclusão de conteúdos que não servirão para a sua formação e utilização posterior, em detrimento dos conteúdos importantes; a desvalorização do corpo docente e administrativo, o sucateamento das escolas e universidades, etc.

A educação também está inserida na contradição do Estado, que teoricamente se apresenta com a função de resolver os problemas sociais, políticos e econômicos. Segundo Mészáros (2002 p. 274):

[...] a manutenção da gritante desigualdade e dos privilégios na educação, por exemplo, é algo que “se deve buscar indiretamente (...)”. Assim é possível sustentar a mitologia da igualdade – pelo menos na forma da proclamada “igualdade de oportunidades” – e perpetuar seu oposto diametral na ordem vigente sob o domínio do capital.

A desigualdade social é construída em função da essência das formas de sociabilidade, que é o modo de produção capitalista, ela é uma consequência necessária desta sociedade. O Estado é a instituição fundamental para o desenvolvimento de políticas sociais capazes de melhorar a situação da maioria da população, que não possui condições dignas de sobrevivência, garantindo-lhes os direitos sociais e de cidadania. Isso não acabará com a desigualdade neste sistema capitalista, pois, de acordo com Marx, para você mudar a essência é preciso mudar aquilo que causa a desigualdade, ou seja, o sistema capitalista, mas pelo menos a reduzirá.

Marx (2013, p. 100) afirma que “toda história é a história da luta de classes”. Um

declínio da mobilização da sociedade e dos grupos organizados da classe trabalhadora (através dos sindicatos), pode debilitar o apoio do Estado. Para Andery *et al.* (1996), o cientista, através do seu trabalho, pode criticar as condições em que este se desenvolve, e esclarece:

É em sua dimensão de trabalhador sob o capital que ele pode identificar as determinações mais gerais ao que está submetido e pode, por isso, ultrapassar tais limites, constituindo-se em produtor de um conhecimento crítico, que não apenas permita desvendar as contradições que subjazem aos interesses do capital, mas aponte as condições de sua superação. (ANDERY *et al.*, 2012, p. 445).

A análise do pesquisador sob o capital é fundamental para a compreensão das relações de poder e exploração presentes no sistema capitalista, bem como à apropriação do conhecimento crítico.

Para Marx (2013, p. 51): “O fim último da investigação consiste em se apropriar em detalhe da matéria investigada, analisar suas diversas formas de desenvolvimento e descobrir seus nexos internos. Somente depois de cumprida tal tarefa, seria possível passar à exposição, isto é, à reprodução ideal da vida da matéria”. Ou seja, A investigação é um processo contínuo, à medida que o pesquisador se aprofunda na matéria investigada, pode descobrir novos aspectos e novos nexos internos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os estudos realizados, concluo que para o desenvolvimento da minha pesquisa sobre a política de ações afirmativas para ingressantes na pós-graduação em educação, é necessário um método de análise que se baseie em conhecimentos elaborados, para que possa ser feita a crítica, confrontando as teorias e os discursos com a realidade, com a prática social concreta, ou seja, aquilo que está além das aparências; concreto é quando me aproximo da essência do objeto que estou pesquisando.

A descrição da realidade é essencial para a pesquisa científica. É o objeto que determina o conteúdo do conhecimento e o sujeito realiza a reprodução desse conhecimento, através de muito estudo que o leve à reprodução ideal. Cabe ao

pesquisador extrair a lógica própria do objeto.

REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amália. *et al.* **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. 16 ed. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2012.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe:** estudos de dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da Economia Política.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____, Karl. **O capital:** Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉZSÁROS, Itsván. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo; Campinas: Edunicamp, 2002.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método em Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SCHAFF, Adam. **História e verdade.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.